

SERIAM AS VELHAS AINDA MULHERES? **Reflexões sobre gênero, (não) velhice e biopoder a partir de capas** **de *Veja* e *Tpm***

ARE OLD WOMEN STILL WOMEN?

*Reflections on gender, (not) old age and biopower from *Veja* and *Tpm* covers*

¿SERÍAN LAS VIEJAS TODAVÍA MUJERES?

*Reflexiones sobre género, (no) vejez y biopoder a partir de portadas de *Veja* y *Tpm**

Felipe Viero Kolinski Machado

Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto
felipeviero@gmail.com

Vanessa Costa Trindade

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais
vancotrin@gmail.com

Resumo

A partir da análise de capas específicas de *Veja* (edição 2121, de 15 de julho de 2009) e *Tpm* (edição 125, de outubro de 2012) buscamos compreender como tais dispositivos discursivos e pedagógicos atuam no controle do corpo feminino e, notadamente, em seu processo de (não) envelhecimento. Inscritos numa lógica da biopolítica, os corpos aí estampados restringem as possibilidades de existência que poderiam ser múltiplas. Essas revistas e suas capas configuram-se como manuais de orientação e aconselhamento sobre como tornar-se e, ainda, manter-se mulher. Referenciando-nos em seu texto verbo-visual, e em discussões teóricas que faz tempo apontam para a juventude como “adequada” e para a velhice como um processo de degeneração, perguntamos: as velhas continuam sendo mulheres?

Palavras-chave: Velhice. Gênero. Capa de revista.

Abstract

From the analysis of specific covers of *Veja* (issue 2121, from July 15, 2009) and *Tpm* (issue 125, October 2012) we seek to understand how such discursive and pedagogical devices act in the control of the female body and, notably, in its process of (non) aging. Inscribed in a logic of biopolitics, the stamped bodies restrict possibilities of existence which could be multiple. These magazines and their covers are designed as orientation manuals and advice on how to become and still remain a woman. Based in its verbal-visual text, and in theoretical discussions that have long pointed to youth as "adequate" and to old age as a process of degeneration, we ask: are old women still women?

Key words: Old Age. Gender. Magazine Cover.

Resumen

A partir del análisis de portadas específicas de *Veja* (edición 2121, de 15 de julio de 2009) y *Tpm* (edición 125, de octubre de 2012) buscamos comprender cómo tales dispositivos discursivos y pedagógicos actúan en el control del cuerpo femenino y, notadamente, en su proceso de (no) envejecimiento. Inscritos en una lógica de la biopolítica, los cuerpos allí estampados restringen las posibilidades de existencia que podrían ser múltiples. Estas revistas y sus portadas se configuran como manuales de orientación y asesoramiento sobre cómo convertirse y, aún, mantenerse como mujer. En referencia a su texto verbo-visual, y en discusiones teóricas que hace tiempo apuntan a la juventud como "adecuada" y para la vejez como un proceso de degeneración, preguntamos: ¿las viejas siguen siendo mujeres?

Palabras clave: Vejez. Género. Portada de revistas.

1 INTRODUÇÃO

No texto ora em tela, elaborado a partir de reflexões desenvolvidas pelos autores em pesquisas anteriores e em desenvolvimento (TRINDADE, 2012; KOLINSKI MACHADO, 2013), voltamos nossa atenção a capas específicas das revistas *Veja* (edição 2121, de 15 de julho de 2009) e *Tpm* (edição 125, de outubro de 2012)¹ a fim de compreender como esses espaços atuam no sentido de estabelecer parâmetros restritos no que se refere ao corpo feminino e, mais notadamente, às possibilidades de (não) envelhecimento deste.

Fundada em 1968, pelo Grupo Abril, a revista *Veja* corresponde, contemporaneamente, à maior revista semanal de informações do Brasil e à segunda maior do mundo, tendo um número estimado de vendas que ultrapassa um milhão e duzentos mil exemplares e uma média de seis milhões e setecentos mil leitores. No que se refere a sua audiência, estima-se que quase 60% de seu público pertence às classes A e B e que 54% são mulheres (MEDIA KIT, 2017). Recorrendo a diferentes pesquisas que voltaram sua atenção a essa publicação (MIRA, 2001; KOLINSKI MACHADO, 2013), é possível constatar que, ainda que muito atenta às pautas políticas e econômicas, especialmente a partir dos anos

¹ As capas das duas edições eleitas para análise integram o *corpus* mais amplo das pesquisas de cada autor. Em uma dessas pesquisas, buscou-se perceber quais sentidos sobre a velhice foram mobilizados/construídos por *Veja* entre 1968 e 2012. Dentre esse universo de publicações, e frente a um reduzido número de capas que abordaram a temática, a capa em questão mostrou-se emblemática por, através de seu discurso verbo-visual, acionar a perspectiva de uma geração que passaria a ser sem idade, ou seja, que viveria sem envelhecer. A outra pesquisa, em vias de desenvolvimento, interessa-se por observar como, no espaço de capa de *TPM*, estabelecem-se modos de ser mulher. No escopo dessa pesquisa, ao promover aproximações e distanciamentos entre as capas de mãe e filha, sob as inscrições jovem e velha, essa capa específica de *TPM* mostra-se igualmente distintiva frente ao *corpus* que vem sendo coletado. Vale salientar que, ainda que se tratem de publicações distintas, que falam para públicos diferentes e a partir de lugares diversos, observa-se, nessas capas, regularidades e pontos de confluência que, de modo geral, indicam as formas possíveis de discussão e de visibilidade sobre envelhecimento feminino.

oitenta, saúde/estética, comportamento e bem-estar não apenas passaram a ser assuntos mais recorrentes como, também, gradativamente foram ganhando o privilegiado espaço das capas.

Já a revista feminina *Tpm*, publicada pela Trip Editora, é lançada em 2001 com a promessa editorial de um conteúdo inovador, voltado para a “mulher real”. Segundo informa seu media kit (2017), a audiência é formada majoritariamente por mulheres (92%), de 26 a 45 anos (69%) e com ensino superior completo (88%). Em 2012, quando veicula o “Manifesto TPM”², editorial da edição 120, reafirma seu compromisso de lançamento e questiona a relação das revistas congêneres com suas leitoras, criticando as diversas fórmulas “mágicas” de vida ideal que costumam oferecer - coincidentemente, a primeira a ser mencionada era “ficar jovem para sempre”. Até o final de 2016, tinha uma circulação mensal de 28 mil exemplares. No início de 2017 *Tpm* deixou de ser publicada todos os meses e lançou sua primeira edição trimestral no mês de setembro.

Um aspecto fundamental da nossa opção pelas capas dessas publicações é sua disponibilidade mesmo para quem não é leitor habitual. As pessoas acabam se deparando com elas e dão notícias do que se passa ali quando as visualizam expostas não só em bancas, mas também em gôndolas de supermercados e farmácias, em salas de espera, casas de amigos ou mesmo digitalizadas - seja em aplicativos de leitura, compartilhadas por e-mail e nas diferentes redes sociais ou até mencionadas em outros meios de comunicação. As capas estão disponíveis para a apropriação de qualquer um que lance visadas em sua direção, não é preciso nem comprar ou folhear a edição (VAZ; TRINDADE, 2013).

Ainda no que se refere às revistas, ao seu jornalismo e às suas capas, algumas colocações também se fazem necessárias. Segundo Marcia Benetti (2013), a revista possuiria como elementos diferenciais ser segmentada, por público e por interesses; ser durável e colecionável; possuir características materiais e gráficas que a distingam (e que a singularizam) e estabelecer uma relação direta com o leitor. Para a autora, o jornalismo de revista, ainda, trabalharia com uma ontologia das emoções, ou seja, para além da informação em si, ele visaria a construir um vínculo afetivo com o leitor em questão.

Para Zygmunt Bauman (1998), frente a um período líquido, repleto de inseguranças, buscar-se-iam manuais que dissessem aos atores sociais sobre como se viver. Os sujeitos procurariam, pois, por alquimistas que pudessem lhes fornecer garantias. O que se veria, aí, seria um “surto de aconselhamento” no qual os indivíduos, avidamente, clamariam por reafirmações daquilo que podem fazer e, principalmente, do modo como fazê-lo. Seria aqui

² Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/voce-e-livre>. Acesso em 16/02/18.

que, a nosso ver, a mídia (e, mais especificamente, as capas de revistas analisadas) e que um jornalismo ocuparia seu quinhão.

Postulamos, ainda, que as capas dessas revistas operariam como um dos múltiplos dispositivos discursivos e pedagógicos (FISCHER, 2002) que exerceriam o biopoder e que estariam insertos em uma lógica moderna de bioascese (ORTEGA, 2008), contribuindo ativamente para a delimitação da importância das vidas.

Faz-se relevante mencionar que o gênero, nesse trabalho, em conformidade com Judith Butler (2012), é tomado como performativo, ou seja, como um fazer ininterrupto que, ao estar de acordo com padrões heteronormativos, confere inteligibilidade cultural aos sujeitos. A velhice, por sua vez, é compreendida como uma construção cultural e discursiva e que, em um cenário de constituição da juventude como valor, precisa ser vencida. O corpo, por conseguinte, é matéria que se converte em espaço de projeção simbólica, é espaço de intersecção entre identidades de gênero e de geração e que precisa ser moldado/transformado mediante imposições estéticas e coletivas. Na esteira dessas proposições, e voltando nossa atenção, especificamente às mulheres, cabe perguntar: as velhas ainda seriam mulheres?

2 BIOPOLÍTICA, BIOPODER E O CORPO COMO REFERÊNCIA SOCIAL

Michel Foucault (2011), ao apresentar o conceito de biopolítica, parte do que seria o seu contraponto: o direito de “fazer” morrer ou de “deixar” viver que pertencia ao soberano. Segundo o autor, durante muito tempo, o soberano teve como privilégio o direito sobre a vida e a morte de seus súditos. Haveria, então, duas formas de exercício: 1) a indireta, em que, por exemplo, numa ameaça à vida do rei os súditos eram enviados para lutar numa guerra e corriam o risco de morrer, mas o soberano não pretendia diretamente a morte dos mesmos e 2) a direta, em que, caso algum dos súditos se erguesse contra o rei, ele poderia ordenar que o matassem. Nessa sociedade, explica Foucault (2011), o poder estava associado ao direito de apreensão dos objetos dos súditos, de seu tempo, de seus corpos e até de suas vidas.

Mas esse mecanismo vai se transformando e surgem outras formas de controle social. O poder passa a gerir a vida, não a morte, e o direito de “fazer” morrer ou de “deixar” viver é, então, substituído pelo poder de “fazer” viver ou “rejeitar” para a morte.

De acordo com Foucault, o poder sobre a vida desenvolve-se, desde o século XVII, de dois modos. Num dos polos, atua sobre o corpo como máquina, cuida do seu adestramento, docilidade e controle e é exercido por meio das disciplinas, trata-se da “anátomo-política do

corpo humano”. No outro, formado em meados do século XVIII, atua sobre o corpo-espécie, cuida das taxas de nascimento e mortalidade, da saúde, da expectativa de vida, trata-se de uma “biopolítica da população”.

Lendo Foucault, Peter Pál Pelbart (2003) atenta para a entrada da vida na história. Os fenômenos da espécie humana são inseridos na ordem do saber e do poder, no campo das técnicas políticas. O biológico passa a incidir sobre o político e o poder, antes exercido sobre sujeitos de direito, passíveis de morte, é exercido sobre seres vivos e é dever cuidar da vida desses seres.

Partindo da noção de biopolítica como uma das fontes para o estudo do corpo, Joan-Carles Mèlich (2005) diz que o corpo é uma entidade que intervém decisivamente na relação entre o ser humano e o sistema social. É o que temos de mais íntimo e o que constitui, ao mesmo tempo, parte de nosso patrimônio sociocultural. Para o autor, o corpo faz aparecer a complexidade dos sistemas sociais, por isso o esperado é que ele se comporte de uma ou outra maneira.

A partir do biopoder foucaultiano, e tendo em vista as práticas contemporâneas da bioascese³, Francisco Ortega (2008, p. 30) sugere que se fale em uma biossociabilidade, compreendendo-a como “uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamentos tradicionais [...], mas segundo critérios de saúde, performances corporais, longevidade, entre outros”.

Na biossociabilidade, diferentemente do que acontecia na biopolítica de Foucault, “criam-se novos critérios de mérito e de reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico” (ORTEGA, 2008, p. 31).

Mais detidamente, como informado na introdução, trabalharemos com capas de uma edição da revista *Veja*, de 2009, e uma edição da revista *Tpm*, de 2012. Essas capas, entre outras disponíveis, sugerem como o corpo da mulher precisa ser gerido, como ele deve se portar e como deve, por conseguinte, diluir-se dentro das normas. Nelas são exibidas atrizes, modelos, cantoras - ídolos que, segundo Mèlich (2005), devem ter corpos que possam ser idolatrados, adorados e imitados. Além disso, as capas são atravessadas por outras instituições

³ O conceito de bioascese é compreendido, a partir de Ortega (2008), como que fazendo referência a uma reconfiguração da noção foucaultiana do cuidado de si. Se a ascese clássica corresponderia a uma performance que visaria a inaugurar uma nova subjetividade e a produzir um distinto universo simbólico, tendo por meta atingir um determinado objetivo espiritual, na bioascese haveria um assujeitamento e um disciplinamento do indivíduo tendo em vista a uniformidade, ou seja, o desejo de ser percebido como integrado dentro de um padrão físico e estético dominante, em uma lógica de conformismo.

que também regulam e controlam os corpos, sendo um terreno fértil não só para o estabelecimento de padrões e modos de ser mulher, mas também para ensinar como alcançar esses corpos, seja por meio de técnicas cirúrgicas, exercícios físicos, dietas ou tudo isso ao mesmo tempo. Dispositivos, pois, que reafirmam que dentre um mar de possibilidades de modificações e de transformações corporais, de melhora de si e de provisoriamente física, somos todos passageiros de corpos fluidos que podem (e precisam) ser sempre reconfigurados.

Conforme ressaltam diferentes pesquisas (SIBILIA, 2004; LEAL, 2006; GOLDENBERG, 2006; CASTELLANO, 2012; KOLINSKI MACHADO, 2017), constituído em imagens da mídia, o corpo estabelece formas peculiares de produção de sentido e de recepção. E ainda que seja aparentemente livre, é constrangido o tempo todo por regras sociais que são interiorizadas pelos seus portadores. Ao passo que o corpo é estimulado a ser mostrado, a ser exibido, igualmente é requerido que ele se torne invisível, integrando-se homogeneamente a um exército, muito similar, de sujeitos jovens, musculosos e belos. Os ideais de beleza, assim, conforme enfatiza Mèlich (2005), não circulam por um reino inocente da fantasia, são propostos e promovidos pela economia consumista. A imagem, e aqui, especificamente, a imagem da mulher, é o melhor meio para criar novas necessidades.

Conforme explica Sibilía (2012), se, por um lado, envelhecer ainda é algo inevitável para os que não morrem prematuramente, por outro, é sumariamente proibido exibir os sinais que indicam o avançar da idade. Há um pavor da carne (SIBILIA, 2004).

3 SOBRE AS FORMAS POSSÍVEIS DE (NÃO) ENVELHECER

Pierre Bourdieu (1983), ao postular que a juventude é apenas uma palavra, explicita que tanto ela quanto seu antônimo (a velhice) são construções simbólicas. Percebê-las como tal, todavia, não diminui sua eficácia e tampouco seu poder. Compreendidas como categorias sociais, políticas, discursivas e físicas, para além de asseverarem corpos materiais, as juventudes e as velhices constituem sujeitos, estabelecem lugares e dizem dos pesos que os corpos podem ou não possuir (BUTLER, 1993).

Em importante ensaio sobre a velhice, escrito a fim de romper com a conspiração do silêncio que atravessaria a questão, Simone de Beauvoir (1990) lembra que apesar de ser algo que transcende a história, o envelhecer nem sempre foi encarado da mesma maneira, modificando-se mediante múltiplos e variados contextos.

Antes de falar especificamente sobre a velhice, contudo, é relevante pensar sobre um processo de individualização, próprio da sociedade moderna, que encontrou na institucionalização do curso da vida um elemento central. Conforme apontam Martin Kohli e John W. Meyer (1986), de um modelo de coletividade no qual a idade era algo praticamente irrelevante teríamos passado a outro em que ela representa algo fundamental, a ponto de a partir de uma marcação etária termos direitos e deveres garantidos e impostos.

Teria sido assim que, ao longo dos séculos XIX e XX, passou-se a compreender que grupos homogêneos poderiam ser constituídos a partir de um recorte geracional e que, para além de simples palavras, juventude e velhice teriam também passado a designar identidades pretensamente fixas e estáveis (SILVA, 2008).

A velhice, então, conforme sugere Steven Katz (1996), poderia ser tomada como uma produção discursiva que se constitui a partir do investimento do discurso médico sobre o corpo envelhecido e, por conseguinte, necessariamente, como a etapa da vida na qual o corpo se degenera. Já nasce, outrossim, como identidade deteriorada e como estigma (GOFFMAN, 2008) impingido ao sujeito.

É nesse cenário que a juventude, descolando-se de um estágio natural do desenvolvimento biológico, passa a ser concebida como valor a ser alcançado (e mantido) em qualquer etapa da vida. E à velhice, pois, apenas cabe se reinventar. Se os corpos são plásticos, capazes de se moldarem mediante empenho e dedicação de quem os porta, expor os sinais do envelhecimento apenas diria do desleixo de cada um. Será a partir desse lugar que Guita Debert (1999) falará em um processo de reprivatização da velhice, ou seja, do processo que a reduziria, apenas, a uma responsabilidade particular.

De acordo com Sibilia (2012), apenas os “bem-conservados” teriam algum lugar nessa sociedade em que o corpo velho é tomado como uma imagem falha. Ainda segundo esta autora, além de os indivíduos recorrerem a diferentes técnicas disponíveis no mercado para se redesenharem de forma cada vez mais perfeita, na reprodução imagética dos corpos envelhecidos ainda se realiza o seu retoque por programas de edição de imagem (estáticas e em movimento) responsáveis por deixá-los mais lisos e mais jovens. E, com isso, mais “válidos” e “adequados”.

4 TORNAR-SE E MANTER-SE MULHER COM O PASSAR DOS ANOS

Ao ensinar que ninguém nasce mulher, mas sim se torna, Simone de Beauvoir (1967) empreende uma desnaturalização feminista do gênero. Ao afirmar que seria o conjunto da civilização que elaboraria o produto intermediário entre o macho e o castrado, o qual seria definido como feminino, a filósofa explicita o caráter artificial dessa identidade e de toda uma hierarquia que imporá às mulheres o lugar do segundo sexo.

Monique Wittig (2010), por sua vez, na esteira dessas reflexões, postula que as lésbicas não são mulheres, uma vez que tal categoria corresponderia a um produto de uma sociedade patriarcal e centrada em uma lógica heterossexual e reprodutiva, a qual relegaria às mulheres um lugar subalterno e estritamente dependente da capacidade de gerar novos homens.

É a partir de Judith Butler (2012, p. 168), contudo, que o sexo passará a ser visto, de modo mais específico, como um ato de dominação e de coerção o qual “cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos segundo os princípios da diferença sexual” e, por conseguinte, como uma norma através da qual os sujeitos são tornados viáveis e adquirem inteligibilidade cultural. O gênero, pois, será dito performativo, ou seja, será compreendido, em Butler (2012), como um contínuo fazer, como um devir e como uma atividade.

Tornar-se (e manter-se) mulher (ou tornar-se e manter-se homem), nesse sentido, corresponderia à manutenção de toda uma produção de si que se daria, conforme lembra Guacira Lopes Louro (2008, p. 87), “através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos”. Seria, recorrendo a Paul B. Preciado (2014), vivenciar uma performatividade heteronormativa que se inscreveu no corpo como verdade biológica.

Em entrevista traduzida para a revista Estudos Feministas em 2002, Butler argumenta que esse conjunto de regras que precedem os corpos pode acabar criando corpos abjetos, que não são aceitos pelos códigos tradicionais de inteligibilidade e que, por isso, estariam fadados a regiões sombrias da ontologia. A ontologia, diz a autora, é um território regulamentado. O que é produzido nele e o que é dele excluído para que se configure de uma ou outra maneira, é um efeito de poder. E no caso específico da mulher, dos estereótipos e normas impostos, “não é simplesmente a questão de o que é uma mulher própria ou imprópria, mas o que não é absolutamente concebível como uma mulher!” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 165).

E se as lésbicas não são mulheres, como sugere Wittig (2010), o seriam as velhas? Homens e mulheres envelhecem de modos distintos ou, ao menos, o seu envelhecer é concebido de formas muito diversas. Conforme lembra Claudine Attias-Donfut (2004) é também a cultura da mídia que a fim de curar a velhice produz, ao mesmo tempo, uma invisibilidade e uma hipervisibilidade dos corpos de mulheres velhas, reafirmando, continuamente, dicotomias entre juventude e beleza e velhice e feiura e, nesse sentido, impondo padrões e exigindo (e essas seriam as palavras) consertos e reparos constantes.

Nesse sentido, o que indicam as capas das revistas *Veja* e *Tpm*, eleitas para análise neste artigo, ao abordarem a relação entre juventude e envelhecimento? O que elas dizem sobre ser mulher e envelhecer? Há possibilidade(s) de existência feminina na velhice?

5 UMA ANÁLISE DO TEXTO VISUAL DAS CAPAS DE VEJA E TPM

A questão etária feminina é abordada de diferentes modos, como detalharemos adiante, pelas revistas *Veja* e *Tpm*. Na observação do texto sobre tal temática em suas capas, recorremos a Abril (2007; 2013), cujo trabalho aponta para uma definição de texto que vai além dos aspectos verbais.

Entendemos que “texto” deve designar qualquer unidade de comunicação, geralmente multissemiótica (ou “multimodal”, segundo o vocábulo da moda), sustentada por uma prática discursiva e inserida em uma(s) rede(s) textual(is), que pode integrar ou não elementos verbais, e que, portanto, não deve identificar-se restritivamente com eles (ABRIL, 2013, p.46) [tradução nossa].

Partindo de tal noção, numa capa importam, portanto, tanto os elementos verbais quanto os visuais. Além disso, ainda conforme Abril (2007; 2013), os destinatários recebem sempre conjuntos textuais - textos, para o autor, pressupõem redes textuais. Assim, sua proposta é que esses textos verbo-visuais sejam analisados a partir de sua inserção cultural, relacionados a práticas sociais e a relações de poder.

Esse modo de observação é viabilizado pelo que o autor chama das três dimensões do texto e da cultura visual. São elas:

a) Visualidade: refere-se ao conjunto de significantes que conformam o plano da expressão de um texto visual, ao que constrói sua coerência. Segundo Abril (2007; 2013), envolve de cor à textura e não se esgota no visível. O que se vê sempre se relaciona com o invisível - o que se deseja ver, o que se sabe e o que se crê e o que se faz com o que se vê.

b) *Mirada* (ou olhar): se dá a partir de lugares de enunciação construídos e assimilados em função das posições sociais dos sujeitos. Olhamos o texto, mas o texto também nos olha ao prever nosso lugar como espectadores frente a ele. Essa dimensão do texto comporta relações de poder e se institui como forma de poder, “dando lugar a determinados regimes de direitos e deveres, a modos de apropriação simbólica e a modalidades de exercício do olhar” (ABRIL, 2013, p. 64) [tradução nossa]. Miramos as capas de *Veja* e *Tpm* e, ao mesmo tempo, tais capas também nos miram.

c) *Imagem*: é parte e resultado dos imaginários sociais e atua na criação de certo sentido de comum. Conforme adverte Abril (2007; 2013), a imagem não coincide, obrigatoriamente, com algo visual, ela é da ordem do experimentável, diz de um posicionamento histórico frente ao mundo.

Importante destacar que entre a visualidade, a *mirada* e a *imagem* há uma relação de mediação em que cada dimensão possibilita a inter-relação e a efetuação uma da outra. Ademais, não há uma ordem para experienciar o texto e essa divisão em dimensões é meramente didática, já que uma aciona a outra sem seguir uma ordem estabelecida.

A seguir, tendo por base essas três dimensões textuais e as discussões teóricas aqui realizadas, observamos como se dá a abordagem acerca do envelhecimento feminino nas capas eleitas para este exercício analítico.

6 UMA GERAÇÃO SEM IDADE E JOVEM *VERSUS* VELHA



Figura 01 - *Veja* - edição 2121, 15 de julho de 2009

Sob o nome da revista, ou seja, incluídas espacial e ideologicamente dentro de uma periodicidade discursiva específica, Daniela Sarahyba e Mara Lúcia Sarahyba, filha e mãe, constituem lugar profícuo para que se pense sobre o gênero e a geração, tal qual pode ser observado na figura 01. Filha, à direita, e mãe, à esquerda, com cabelos longos e soltos, com maquiagem discreta, com dentes brancos, alinhados, expostos em sorriso, e em um retrato que mostra apenas rosto (ou seja, que omite corpo e roupas que, talvez, apontassem uma marcação etária) dizem da consonância com um ideal estético hegemônico (juventude) que é compartilhado por ambas. Os tons predominantes na capa são o azul e o amarelo. O azul (presente no nome da revista e em chamadas) é uma cor relacionada à atividade intelectual e à razão, daí seu uso recorrente na divulgação de avanços científicos e médicos. O amarelo (e os tons claros, luminosos, que inclusive se manifestam nas fotografias) está relacionado à

autoestima e à criatividade, sendo frequentemente associado à alegria e à jovialidade (TANI, 2015).

Ao passo que as palavras “filha” e “mãe”, em caixa alta e em amarelo, abaixo da foto, operam como uma legenda principal, os nomes e as idades (Daniella, 25 anos, e Mara Lúcia, 52 anos) em caixa baixa e em branco, mais abaixo, constituem-se em informações complementares, não essenciais. O que importa não seria, necessariamente, quem são essas mulheres ou qual idade elas teriam, mas, na verdade, o fato de que elas, ainda que mãe e filha, são jovens e, por conseguinte, belas.

Uma faixa preta, que corta os rostos pela metade, emoldura e completa o sentido desejado pela capa. Ao passo que as meias faces são afastadas, constitui-se, simultaneamente, a impressão de que facilmente, se retirada a faixa, tais meios rostos seguramente poderiam tornar-se um só. Ainda que mãe e filha (informação primeira) e ainda que com uma diferença etária de vinte e sete anos (informação segunda), elas comporiam uma geração sem idade (justamente a manchete principal da capa) pelas grandes semelhanças que possuem.

Quatro chamadas, abaixo da principal, dizem dos sentidos que então mobilizados podem se cristalizar. “*Mulheres e Homens maduros que já desfrutam dos formidáveis avanços da medicina na conservação da juventude*”; “*A ciência anuncia: comer pouco (mas pouco mesmo) prolonga a vida, a saúde e a beleza*”; “*6 receitas de pessoas entre 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer*” e “*Dr. Hollywood, o cirurgião plástico das estrelas, diz qual a hora certa para recorrer ao bisturi*”, juntamente com as imagens e legendas, conformam uma capa que, pedagogicamente, constitui-se em dispositivo (FISCHER, 2002) que diz sobre as formas possíveis de tornar-se sem idade e, portanto, viver sem envelhecer.

Cabe ressaltar, de modo mais específico que, ainda que se esteja falando em uma geração sem idade, é estabelecida uma relação absolutamente hierarquizada entre juventude (valor a ser obtido e mantido) e velhice (anátoma a ser abandonado). Mulheres e homens (os quais não aparecem na capa, é importante salientar) maduros (porém não velhos) valem-se da medicina para continuar jovens. Ou seja, estabelece-se como razoável afirmar que se pode viver mais (amadurecer) e manter a juventude (completamente descolada de uma faixa etária). A ciência, em um lugar de saber/poder, é acionada como voz legítima para afirmar que comer pouco (mas pouco mesmo) seria importante não apenas por um questão de longevidade mas, principalmente, por uma questão de “saúde” e de beleza. O mesmo recurso é empregado na quarta manchete na qual um médico (o cirurgião plástico escolhido pelas estrelas de

Hollywood, ou seja, duplamente sancionado – pela ciência e pelo capital) ensina, a partir de sua expertise, quando leitoras/leitores devem submeter-se à cirurgia plástica. Aqui, mais uma vez, em momento algum se põe em xeque a adesão aos procedimentos “rejuvenescedores”, afinal, qual mulher, em sã consciência, não gostaria de, tal qual Mara Lúcia, poder ser confundida com a filha? Finalmente, há a oferta (tal qual um manual (PRADO, 2009)) das seis receitas de pessoas com idades variadas (e aqui é a primeira vez em que a questão etária é formalmente posta) que parecem ter parado de envelhecer.

Em uma lógica que é completamente a da reprivatização (DEBERT, 1999), a velhice é convertida, via imagens, manchetes e legendas, em uma questão de fórum totalmente individual. Ora, se a medicina lhe fornece respostas, se indivíduos maduros (e não velhos) mostram como é possível ser jovem, se Mara Lúcia explicita que é quase que idêntica à filha, com vinte e sete anos a menos, e se pessoas sem idade lhe darão as suas receitas, se você envelhecer será única e exclusivamente em razão de seu desleixo.



Figuras 02 e 03 - Tpm - edição 125, outubro de 2012

Essas duas capas (figuras 02 e 03), que compartilham de identidade visual análoga e que se complementam, integram a mesma edição da revista Tpm. As diferenças entre elas ficam

por conta das retratadas (mãe em uma, filha noutra), das manchetes e das legendas. Na primeira, temos Luiza Brunet, acompanhada da manchete “*Jovem*”, seguida de fala e identificação que acabam legendando seu retrato: “*Jovem tem o descompromisso, mas ficar velha te dá um poder*’/Luiza Brunet, 50 anos, nas Páginas Vermelhas com a filha Yasmin”. Na segunda vemos Yasmin Brunet, a manchete “*Velha*” e a legenda: “*Sei que é absurdo, mas, para a profissão de modelo, sou velha*’/Yasmin Brunet, 24 anos, nas Páginas Vermelhas com a mãe, Luiza”.

O fundo escuro e as blusas básicas na cor cinza que as duas vestem e que não demarcam nem idade nem gênero são bastante neutros e, com isso, o destaque da capa acaba sendo nos seus rostos - maquiados e emoldurados pelos cabelos de forma que a diferença de idade entre elas seja praticamente suprimida. Percebemos nesses retratos, manchetes e legendas uma tentativa de não reduzir juventude e velhice a critérios etários. Luiza, de 50 anos, é jovem e Yasmim, aos 24, é velha.

Os demais elementos da capa se repetem. Ao lado do nome da revista, há uma tag com o questionamento “*Juventude é virtude e velhice é defeito?!*”. Abaixo dele, as chamadas: “*Por que mulher fica velha e homem fica charmoso?*”; “*Você tem medo de envelhecer? Sócrates Nolasco explica*”; “*Bel Wilker, Céu e Jaque do vôlei/ a crise dos 30 e os 30 sem crise*”; “*O bom senso e a epidemia de Botox*”; “*Nina Lemos/Ter 40 anos é um problema (para os outros)*”. Do lado oposto lemos: “*Exclusivo/Bibi Ferreira, Lorena Calabria, Deborah Colker, Clô Orozco e grande elenco revelam: ‘O dia em que envelheci’*”; “*Ensaio/Marcos Palmeira, 49 anos, continua o mesmo (mas o bigode, quanta diferença)*”; “*Palmirinha Onofre/Como a vovó mais adorável do Brasil superou a infância violenta*”; “*Moda/A top Christine Yufon, perto dos 90, veste uma mistura de clássico e contemporâneo*”.

Todas essas chamadas remetem a discussões sobre juventude e velhice, mas a abordagem passa por variações que buscam sugerir nuances no tratamento do tema. Para começar, a revista transforma em perguntas clichês como “*Juventude é virtude e velhice é defeito*” e “*Mulher fica velha e homem fica charmoso*”. E realiza jogos de linguagem para tentar desconstruir imaginários sobre “*A crise dos 30*” e “*O problema de se ter 40 anos*”.

Ao anunciar relatos de algumas mulheres sobre o dia em que envelheceram e trazer explicações sobre o medo de envelhecer, parece oferecer, respectivamente, inspirações e uma espécie de acolhimento emocional para leitoras que encaram ficar velhas como algo difícil. A publicação não condena intervenções estéticas, como o uso da toxina botulínica para atenuar as rugas, mas sugere bom senso diante do uso desenfreado.

Na chamada sobre Palmirinha Onofre, “a vovó mais adorável do Brasil”, é possível perceber a velhice como uma época em que já se superou muitos problemas durante a vida. No caso dela, a infância violenta. Mas, presumimos, poderia ser qualquer outra superação. Além disso, ainda que não se saiba que Palmirinha Onofre é uma senhora de cabelos brancos, quando ela é caracterizada como “vovó”, é comum que seja esta a imagem acionada.

Já a chamada de moda com Christine Youfon, top de quase 90 anos que veste roupas que vão do clássico ao contemporâneo, diz não apenas de sua versatilidade profissional para trajar diferentes figurinos quanto contrasta com o retrato e a fala de Yasmin Brunet, que, aos 24 anos, é velha para ser modelo.

Por fim, o *Ensaio*, seção da revista que traz fotos sensuais masculinas, é protagonizado por Marcos Palmeira, aos 49 anos. E ele, conforme a *Tpm*, “continua o mesmo”, frase que, nesta capa, pode ser lida como: continua jovem. O que acaba reforçando o estereótipo de que homens não ficam velhos, ficam charmosos. Mas que fique claro, desde que envelheçam como o ator, um “bem-conservado” (SIBILIA, 2004).

Essas chamadas apontam para uma tentativa de *Tpm* de complexificar a cobertura do assunto, relatando diferentes modos de envelhecimento e de não associar diretamente juventude e velhice a determinadas faixas etárias. Entretanto, não deixam de funcionar como espécies de aconselhamentos sobre a existência (BAUMAN, 1998). A proposta é válida e importante, todavia, não se pode desconsiderar que, se por um lado a revista questiona “Por que mulher fica velha e homem fica charmoso?”, ela transforma esse questionamento em afirmação quando anuncia o ensaio de Marcos Palmeira. Ao trazer Christine Youfon modelando aos 90 e Yasmin Brunet considerada velha para modelar aos 24, tira o foco de um problema seríssimo no mercado da moda que trabalha com a venda do ideal de juventude eterna. Embora fale de Bibi Ferreira e de Palmirinha Onofre, cujos corpos carregam marcas do envelhecimento, é Luiza Brunet quem é retratada na capa como uma velha que pode ser jovem, é ela, dona de um corpo atlético, uma pele bem tratada e com poucos sinais de envelhecimento que diz “ficar velha te dá um poder”. Ademais, se percebemos a revista à distância e só lemos a manchete, é Luiza, com todos seus atributos físicos (também uma “bem-conservada”), quem é “*Jovem*”. É este que acaba sendo privilegiado como o modo “correto”, como a forma “normal” de envelhecer. Ou melhor: “de não envelhecer”. Os corpos distintos do dela, precisariam se reconfigurar (MÈLICH, 2005; LE BRETON, 2007), já que ainda são percebidos como corpos em degeneração (KATZ, 1996).

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Eu não tinha esse rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra. Eu não dei por mim esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida minha face?

Retrato, Cecília Meireles

O poema de Cecília Meireles diz de um processo de assunção da velhice. Diz das marcas trazidas pela passagem dos anos e diz de um corpo que se modifica perante ela. Diz, mais do que isso, de uma perda de identidade, de uma perda de referências. A poetisa pergunta: em que espelho ficou perdida minha face? Se, por um lado, Cecília Meireles percebia a alteração de seu status via reflexos, tendo em vista as considerações aqui postas pode-se afirmar que mulheres que cruzassem com as capas específicas aqui analisadas poderiam, também, perceber seus lugares (de jovem, de não velha ou de velha) a partir de chamadas, de manchetes e de outros retratos que não os de si.

Ainda na introdução perguntávamos se as velhas ainda poderiam ser consideradas mulheres. A partir de nossas reflexões teóricas, de nossa base metodológica e de nosso (ainda incipiente, porém potente, acreditamos) exercício de análise, pensamos ser possível, igualmente ainda que de modo inicial, afirmar que não. Se o gênero for percebido, de fato, como performativo, se a identidade de gênero feminina (inserida dentro de uma lógica heteronormativa) for compreendida como estando estritamente relacionada à reprodução de uma sociedade patriarcal e heterossexista e se as mulheres não nascem mulheres, mas se tornam, pode-se dizer que elas também, para manterem-se mulheres, teriam de manter-se reprodutivas, belas, desejáveis e, por conseguinte, jovens.

Ademais, vive-se em um contexto no qual se indica que é sempre possível se adequar. Se a velhice, em consonância, converte-se em uma responsabilidade de cada sujeito e se o corpo, fluido, é possível de ser alterado/modificado/reformulado, esmeirar-se para ser longo, sem deixar de ser jovem, compete a cada um. Entre mulheres dedicadas e, portanto, jovens e mulheres relapsas e, por consequência, velhas, as capas das revistas *Veja* e *Tpm*, às quais nos dedicamos aqui, circulam como dispositivos discursivos e pedagógicos que ensinam, ao passo que exibem, os modos corretos e permitidos de não se envelhecer - mesmo quando buscam complexificar a discussão, sugerindo que há modos distintos de envelhecimento, caem na armadilha de que ser velho só é bom quando se continua jovem.

Daniella e Mara Lúcia e Yasmin e Luíza, emolduradas por manchetes, inseridas sob o nome das revistas, inscrevem-se em uma lógica biopolítica que, voltando-se não apenas aos seus próprios corpos, mas igualmente aos corpos de toda e qualquer mulher, agem no sentido de tutelar vidas, de permitir ou interditar feminilidades e de estabelecer pesos possíveis para diferentes sujeitos. Quando se elege especificamente essas mulheres para estamparem as capas das revistas, lança-se luz sobre o seu modo de vida enquanto o ideal. As demais mulheres, que ficam à sombra, são fadadas à abjeção, passam por uma morte simbólica e deixam de existir enquanto tal.

REFERÊNCIAS

- ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales**. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.
- _____. **Cultura visual, de la semiótica a la política**. Madrid: Plaza y Valdés, 2013.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e Envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 6a reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do livro. 1967.
- BENETTI, Márcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discourse limits of sex**. New York and London: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Editora Record, 2012.
- CASTELLANO, Mayka. Cultura da autoajuda: o “surto do aconselhamento” e a bioascese na mídia. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-Compós**, Brasília, v.15, n.1, jan./abr. 2012
- DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de se educar na (e pela) TV**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, Miriam. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. In: **Arquivos em movimentos**. Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ, Rio de Janeiro, V.2, N.2, Julho/Dezembro. 2006.

_____. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. In: **Contemporânea**, Rio de Janeiro, V.9, nº 2, 2011.

KATZ, Steven. **Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996.

KOHLI, Martin; MEYER, John W. Social structure and social construction of life stages. **Human Development**, v. 29, n. 3, p. 145-149, 1986.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. **Entre o público e o privado: dos sentidos historicamente movimentados e construídos por Veja sobre a velhice**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2013.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. **Homens que se veem: masculinidades em Júnior e em Men's Health Portugal**. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2017.

LEAL, Bruno Souza. Do corpo como texto: na mídia, na rua. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, V.8, N.2, maio/agosto. 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**/David Lê Breton. tradução de Sônia MS Fuhrmann. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEDIA KIT TPM. Download do arquivo disponível em: http://boxprivatemediacom/2014/wp-content/uploads/2017/02/Media-Kit-TRIP_TPM_2017.pdf. Acesso em 16/02/18.

MEDIA KIT VEJA. Download do arquivo disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja> 2017. Acesso 16/02/18.

MÈLICH, Joan-Carles. La reflexión antropológica sobre el cuerpo. In.: _____. **Escenarios de la corporeidad: Antropología de la vida cotidiana 2/1**. Madrid, Editorial Trotta, 2005.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/ Fapesp, 2001.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**. Editora Garamond, 2008.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRADO, José Luiz Aidar. Experiência e receituário performativo na mídia impressa. **Intexto**, n. 20, p. 34-47, 2009.



PRINS, Baukje Prins; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, nº 1, 2002.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 9, n. 26, 2012.

SIBILIA, Paula. **"O pavor da carne"** Riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. 2004.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 155-168, jan. - mar. 2008.

TANI, Camila. O impacto das cores na decisão de compra do consumidor. In.: 4º Seminário de Iniciação Científica ESPM. São Paulo: ESPM, 2015.

TRINDADE, Vanessa Costa. **Capa de revista e produção de sentidos**: possibilidades de leitura a partir do acontecimento Serra X Dilma. Belo Horizonte: UFMG, 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VAZ, Paulo Bernardo; TRINDADE, Vanessa Costa. Capas de revistas e seus leitores: um novo texto em cartaz. In: TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Egales, Barcelona, 2010.

Original recebido em: 13 de março de 2018.

Aceito para publicação em: 13 de setembro de 2018.

Felipe Viero Kolinski Machado

É Professor Adjunto A (nível 1) do Departamento de Jornalismo (DEJOR) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com bolsa CAPES. Realizou estágio doutoral no exterior, com bolsa CAPES/PDSE, junto ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA/ISCITE-IUL), em Lisboa/Portugal. É Mestre em Ciências da Comunicação também pela UNISINOS, com bolsa CNPq. Realizou estágio junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com bolsa FNDE. Entre os anos de 2017 e 2019 realizou estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (Bolsa de Pós-Doutorado Júnior - PDJ/CNPq). Integra os grupos de Pesquisa Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência (UFMG), Convergência e Jornalismo (ConJor) (UFOP) e o Laboratório de Investigação do Cibercontecimento (LIC - UNISINOS).





Vanessa Costa Trindade

Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e mestre também em Comunicação Social pela mesma universidade (2012). É bolsista da Capes e integra o Grupo de pesquisa em historicidades das formas comunicacionais (ex-press) e o Núcleo de Estudos

Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência, ambos da UFMG. Possui graduação em Comunicação Social - habilitação jornalismo - também pela UFMG (2008). Durante o curso, foi bolsista do Projeto Manuelzão, ação de extensão desta Universidade, e bolsista de iniciação científica do CNPq, junto ao Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade - Gris. Trabalhou como Assessora de Comunicação da Coordenadoria de Transferência e Inovação Tecnológica da UFMG (2008-2009) e como Gerente de Projetos na Associação Imagem Comunitária - AIC (2009-2010 e 2011-2015).



Esta obra está licenciado com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

